

OFICINA DE LEITURA DO SEF 1/CAP/ INES: EM BUSCA DE CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA O ENSINO DE LEITURA PARA SURDOS

Profa. Dra. Geise de Moura Freitas¹

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO

Este trabalho é um relato da experiência pedagógica desenvolvida em Oficina de Leitura no Setor de Ensino Fundamental do Primeiro Segmento do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (SEF 1/Cap/INES), em uma perspectiva de educação bilíngue para surdos. Pode-se citar entre os objetivos específicos da oficina: propiciar o acesso do aluno a um amplo repertório literário; apresentar os mais variados gêneros textuais, conhecendo suas características próprias a partir da observação da regularidade de sua estrutura discursiva e linguística; desenvolver estratégias de leitura que primem pela compreensão do texto, e não pela sua decodificação superficial; e desenvolver o prazer da leitura. A orientação teórica que norteia a prática pedagógica é a vertente sociointeracionista, que reconhece o sujeito como um ser social situado em dado

¹ Professora do primeiro Segmento do Ensino Fundamental (SEF-1) do Departamento de Educação Básica do INES (DEBASI/INES).

contexto sócio-histórico-cultural, percebendo-se “a aprendizagem como um processo essencialmente social, onde a linguagem tem um papel de destaque na apropriação de habilidades e conhecimentos socialmente disponíveis” (VYGOTSKY, 1987, p. 93). Em concordância com essa corrente, entende-se aqui a leitura como prática social que remete a outros textos e que reflete nosso conhecimento de mundo e grupo social de pertencimento, sob a forma subjetiva de valores, comportamentos, atitudes e crenças (KLEIMAN, 2008). Entendendo que a linguagem é a base para a construção das funções superiores, estando estreitamente ligada à cognição, foram desenvolvidas algumas estratégias metodológicas para o ensino da leitura. A negociação dos significados dos textos apresentados se concretiza a partir de uma relação dialógica entre agentes escolares, alunos e professores que compartilham o mesmo território linguístico, no qual a Língua Brasileira de Sinais (Libras) se constitui na principal língua de circulação nesse ambiente escolar, e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, é ensinada/aprendida em uma perspectiva de segunda língua. Ao levar o aluno a perceber o texto não apenas como uma forma, mas como um portador legítimo de comunicações e de significados sociais, com características específicas dependendo do gênero, a experiência empírica indica que o trabalho estritamente lexical, com palavras soltas e descontextualizadas, não propicia a compreensão de sua macroestrutura, necessitando que os alunos negociem seus sentidos a partir da diferenciação das estruturas das duas línguas envolvidas no ensino, sendo a Libras condição para a aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita. Com base nos pressupostos apresentados e na prática docente, defende-se que uma educação de qualidade para os surdos passa pelo modelo bilíngue de ensino, ainda que gestado nas tensões e relações de poder que caracterizam as atuações de sujeitos surdos e ouvintes, tal qual nos aponta Skliar.

Palavras-chave: Leitura. Oficina. Ensino de leitura. Bilíngue. Libras.

OFICINA DE LEITURA DO SEF 1/CAP/INES: CARACTERIZAÇÃO

No Setor de Ensino Fundamental do Primeiro Segmento do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (SEF 1/CAP/INES) funciona, desde 2007, uma Oficina de Leitura. Por *oficina*, assume-se a definição de Sousa Neto (2005): “local onde se exerce um ofício, com pessoas que comungam da mesma possibilidade de conhecimentos e habilidades, e onde se deve encontrar a matéria-prima para o trabalho que acontecerá” (p. 250).

Essa Oficina de Leitura foi planejada para ser um espaço pedagógico no qual professores (surdos e não surdos) e alunos surdos compartilhem o mesmo território linguístico, em que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) se constitua como base linguística para o ensino da Língua Portuguesa (LP), na modalidade escrita, e em uma perspectiva de segunda língua.

Assim, nesse espaço, são promovidas atividades que propiciem que os discentes sintam prazer pela leitura, colaborando também para o letramento em Libras e em LP. Para tal, oferecemos aos alunos um amplo repertório literário, levando-os a conhecer e se familiarizar também com diversos gêneros textuais, desenvolver as próprias estratégias de leitura, compreender os textos a partir da negociação de seus significados e sentidos e apurar o senso crítico e o poder de argumentação. Além disso, propõem-se atividades de leitura coletiva e individual, estimulando sempre a troca entre os pares, a relação dialógica, o respeito pela diversidade, a construção da autonomia dos alunos e a participação em atividades sociais que envolvam o ato de ler, bem como levá-los a observar e a conhecer a regularidade nas estruturas discursivas e linguísticas dos diferentes textos apresentados em LP.

Desse modo, a Oficina de Leitura se propõe a oferecer um ensino bilíngue em que todos os contextos de interação e aprendizagem dos conhecimentos historicamente acumulados pelas gerações sejam mediados pela Libras e o aluno seja também letrado em Língua Portuguesa para que possa efetivamente exercer sua cidadania, construindo ferramentas políticas que o possibilite lutar pelo direito a uma educação de qualidade: “Não há negociações ou privilégios. Como minoria política usuária de uma língua sem

status social, ou os surdos apropriam-se da escrita, ou seguem relegados à cidadania de terceira classe” (FERNANDES, 2006, p. 6). Em concordância com essa ótica, a escola não deve medir esforços para cumprir sua função, que é formar sujeitos plenamente alfabetizados e letrados, não negando o direito de se apropriarem de tal tecnologia a seu favor.

O ENSINO BILÍNGUE GESTADO EM UM AMBIENTE DE DISPUTAS E TENSÕES

O processo ensino-aprendizagem é construído, pois, na interação entre os pares, inclusive entre professores surdos e não surdos, em que os primeiros se constituem não só como modelos linguísticos, mas, sobretudo, identitários para os alunos ao compartilhar suas visões de mundo, as quais muitas vezes veem no sujeito ouvinte o elemento opressor que difunde e alimenta preconceitos linguísticos e de outras ordens. Já os professores não surdos, bastiões da cultura ouvinte e letrada, hegemônica na sociedade, representam o “outro” nesse contexto social e escolar, sendo de certa forma coadjuvantes na relação dialógica permeada e perpassada pela Língua de Sinais, que não é a primeira língua desses docentes.

Dadas essas condições, a construção de uma escola verdadeiramente bilíngue no INES não poderá desconsiderar o ambiente contraditório em que essa abordagem de ensino é oferecida, como salienta Freitas (2016), devendo oferecer oportunidades de debates em que professores surdos e não surdos explicitem suas percepções a respeito do bilinguismo, visto que todas as tensões referidas desembocam diretamente nos espaços pedagógicos.

ORIENTAÇÃO TEÓRICA: A NECESSIDADE DA FUNDAMENTAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Para a compreensão dessa realidade escolar, adotou-se a orientação teórica *sociointeracionista*, que reconhece o sujeito como um ser social situado em dado contexto sócio-histórico-

cultural, percebendo-se “a aprendizagem como um processo essencialmente social, onde a linguagem tem um papel de destaque na apropriação de habilidades e conhecimentos socialmente disponíveis” (VYGOTSKY, 1987, p. 93).

Isso significa que o conhecimento resulta de um empreendimento coletivo que provém da prática social, e a linguagem se constitui na base para a construção de todas as funções mentais superiores, permitindo o estabelecimento das relações sociais entre os sujeitos e promovendo a produção e o compartilhamento de saberes.

Em concordância com esse direcionamento teórico, assume-se, pois, a concepção de leitura como prática social que remete à visão de mundo do sujeito. Para Kleiman (2008), o ato de ler coloca em ação todos os nossos sistemas de valores, crenças e atitudes que, por sua vez, refletem nosso grupo social de pertencimento.

Nessa perspectiva, a leitura (seja do aluno surdo ou não surdo) não se realizará somente a partir do domínio de sua tecnologia, mas do uso dessas habilidades em práticas sociais do cotidiano, o que permite a concordância com o conceito de letramento nos termos de Soares (2000, p. 17):

literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la.

Diante desse posicionamento, a escola se constitui como *locus* privilegiado para a promoção do letramento. Igualmente, a inclusão social e escolar do aluno, através da leitura em LP, irá promover a linguagem escrita a eixo articulador de todo o conhecimento curricular, levando a crer que seu ensino demanda e assume estratégias diferenciadas por se constituir na segunda língua dos discentes do CAP/INES.

Dada a singularidade da condição bilíngue do surdo, o ensino da leitura/escrita é uma atividade altamente complexa, visto que nessa realidade escolar só ocorrerá se houver a mediação de sua primeira língua, a Libras.

O ENSINO DA LEITURA COMO DESAFIO METODOLÓGICO

O grande desafio metodológico para o desenvolvimento de atividades na Oficina de Leitura do SEF 1 é criar estratégias de ensino que façam sentido para a construção da escrita a partir de elementos simbólicos visuais, já que a surdez é entendida como diferença linguística e experiência visual de apreensão de mundo (SKLIAR, 1997, 1998).

A prática pedagógica da autora indica que esses alunos podem ser letrados, mesmo que não estabeleçam relações entre grafia e som ou discriminem fonemas e sílabas, apreendendo as palavras por outra rota de aprendizagem: por meio de seu perfil gráfico-visual, como uma unidade compacta atrelada a uma rede de sentidos.

O processo de letramento dos alunos do primeiro segmento do INES acontece de forma semelhante ao descrito por Sánchez, visto que aprendem habilidades de leitura/escrita “sem passar pelo conhecimento fonológico da língua, como leitores não-alfabetizados”, o que significa dizer que esses discentes “são leitores competentes em uma primeira língua não-alfabética e dominam a forma escrita de outra língua alfabética, sem conhecer os sons de suas grafias” (SÁNCHEZ apud FERNANDES, 2006, p. 8).

Diante do exposto, os passos metodológicos adotados pela professora regente, ouvinte, com fluência razoável em Libras, nas atividades propostas na Oficina de Leitura com alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, visam facilitar a compreensão dos textos pelos estudantes ultrapassando o enfoque lexical, na busca constante pela negociação de sentido mediada sempre pela Libras.

Assumindo o texto como unidade mínima de análise, na oficina são realizadas atividades de leitura em uma abordagem dialógica, encorajando os discentes a fazer o exercício constante de contrastar as estruturas das duas línguas envolvidas em sua educação, levando-os a perceber a condição bilíngue que os caracteriza.

UM CAMINHO PARA O ENSINO DA LEITURA/ESCRITA NA OFICINA DE LEITURA: PROJETO “INCLUSÃO”

O primeiro passo metodológico para o ensino da leitura é despertar o interesse do aluno por determinada temática que faça parte de seu cotidiano pessoal e/ou escolar. Com isso, pode-se provocar a exteriorização de suas experiências e vivências, levando-o a fazer relatos e narrativas em sua primeira língua que traduzem visões de mundo, crenças e análise subjetiva da realidade.

Esse objetivo foi alcançado ao selecionar para leitura, no ano letivo de 2017, o livro *Daniel no mundo do silêncio*, de Walcyr Carrasco, em que a temática central trata da escolha da melhor escola para surdos — a regular inclusiva ou a bilíngue, ou ambas (defesa explícita do autor que pretende fugir da dicotomia) — e do preconceito linguístico.

Os relatos dos alunos, muitos egressos da rede regular inclusiva, apontaram sentimentos fortes de exclusão social e escolar, solidão linguística, preconceito, *bullying* e violência. Todos esses assuntos foram abordados pela professora e discutidos coletivamente de forma clara e franca. Na sequência, palavras-chave foram significadas, soletradas no alfabeto datilológico, sinalizadas em Libras e escritas em LP, o que para Lebedeff (2017) se constituem em “estratégias e recursos surdos”.

Assim, quando o referido livro foi apresentado, os alunos já tinham várias informações sobre aquele universo, e a contextualização facilitou sobremaneira a compreensão do texto. Na sequência, foi realizada a contação da história pela professora, dando destaque ao seu repertório imagético, e a recontação (ou reelaboração) pelos alunos.

O texto apresentado em sua forma impressa foi manuseado e apreciado por todos, depois deu lugar aos slides (projetados por datashow), propiciando uma maior identificação visual com o objetivo dos alunos. Coletivamente, eles procederam à leitura com a negociação constante dos significados e da leitura contrastiva (em que as estruturas da Libras e da LP são observadas, reconhecidas e diferenciadas).

A proposta seguinte foi elaborar um resumo do livro dividido em cinco capítulos, possibilitando que os alunos ordenassem

a sequência dos fatos, selecionando os acontecimentos primordiais para o entendimento da história. Após essa atividade, os alunos examinaram o texto realizando leituras individuais, e então o desafio de ler em uma segunda língua foi dando lugar à autoconfiança e ao sentimento de que podiam (e podem) construir muitos conhecimentos.

Com o objetivo de contar a história para outros colegas que não a conheciam, a professora propôs que os alunos fizessem um roteiro que ajudasse em sua dramatização, etapa seguinte, promovendo uma leitura atenta e focada (com uma finalidade real, concreta).

As quatro turmas de Ensino Fundamental I foram se envolvendo e participando ativamente das atividades. A última etapa foi escrever um e-mail a ser enviado para o autor do livro, convidando-o para uma roda de conversa sobre as ideias suscitadas na história, atividade que faz com que os alunos vislumbrem e dimensionem a função social da escrita. Nesse movimento, leitura e escrita, Libras e LP vão sendo significadas e o conhecimento, construído de forma mais prazerosa, ainda que com muitos desafios a serem transpostos.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Com base nos pressupostos apresentados e na prática docente, a autora defende que uma educação de qualidade para os surdos do CAP/INES passa pelo modelo bilíngue de ensino, ainda que gestado nas tensões e relações de poder que envolvem a coexistência (e a disputa) de duas línguas em um mesmo ambiente escolar.

Adotando a proposta bilíngue de educação, busca-se desenvolver na Oficina de Leitura do SEF 1 caminhos metodológicos que promovam o letramento em Língua Portuguesa (e em Libras) pelos alunos, optando pelo trabalho com projetos pedagógicos. Estes vão surgir a partir dos interesses dos alunos, possibilitando-lhes expressar (e ampliar) seu conhecimento de mundo e seu poder de argumentação.

Envolvidos em atividades prazerosas, os discentes vão desenvolvendo gradualmente habilidades de leitura/escrita que permitem com que interpretem textos a partir de negociações de sentidos abrangendo as duas línguas que circulam no ambiente escolar: a Língua Portuguesa e a Libras.

No transcurso do exercício docente, observou-se que os alunos utilizam rotas diferenciadas para a aprendizagem da leitura/escrita, as quais os possibilitam aprender uma língua alfabética (a Língua Portuguesa na modalidade escrita) a partir de uma língua não alfabética, mas visoespacial (a Libras).

Contudo, ainda que avanços sejam percebidos pela professora regente, o trabalho ganharia um salto de qualidade se houvesse, como outrora, uma regência compartilhada com professor(a) surdo(a), que é o modelo real de proficiência linguística e dos processos identitários dos alunos. Assim, pode-se dizer realmente que se está falando de uma escola, de fato, bilíngue para surdos.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, S. F. *Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos*. Curitiba: SEED, 2006.

FREITAS, G. de M. *A construção de um projeto de educação bilíngue para surdos no Colégio de Aplicação do INES, na década de 1990: o início de uma nova história?* Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria & prática*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2008.

LEBEDEFF, T. B. O povo do olho: uma discussão sobre a experiência visual e surdez. In: LEBEDEFF, T. B. (Org.). *Letramento visual e surdez*. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

SKLIAR, C. B. Uma escola para surdos e as suas metas: repensando o currículo numa perspectiva bilíngue e multicultural. In: SEMINÁRIO SURDEZ, CIDADANIA E EDUCAÇÃO: REFLETINDO SOBRE OS PROCESSOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO. *Anais...* Rio de Janeiro: INES, 1998.

SKLIAR, C. B. Uma perspectiva sócio-histórica sobre psicologia e educação de surdos. In: SKLIAR, C. B. (Org.). *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997. p. 105-153.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUSA NETO, M. F. de. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. *Cadernos Cedes*, Campinas, n. 66, v. 25, maio-ago. 2005.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

